

SANTA RITA E SÃO SIMÃO (2)

A viagem entre Santa Rita do Passa Quatro e São Simão é rápida, não chega a uma hora. O fogo fez estragos no vale do Rio Tamanduá, próximo à cidade, o cheiro de fumaça incomodou. Localizada no sopé de morros e cortada por um córrego, a zona urbana da cidade é longilínea, acompanha o vale e o traçado da estrada de ferro. É uma cidade bastante antiga (com 15.500 habitantes), remonta aos tempos dos Caminhos dos Goyazes como Franca e foi importante centro ferroviário no tempo do café, tanto que ainda mantém um bairro (antes afastado da cidade, hoje não mais) de nome Bento Quirino, que foi presidente da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Minha ligação com São Simão data dos anos 80 por dois motivos. O primeiro: estive lá por causa do convite que o artista Pedro Manuel Gismondi fez a Atalie para participar de um evento na cidade em 1986 (fui como carregador de malas) e, pouco depois, pelo convite que me fez o xará Mauro Freitas, secretário de Planejamento no governo de Samir Geraigire (1989-92), para fazer o projeto básico de restauro e instalação de um museu da cidade. Também acompanhei (e já contei aqui) as peripécias do xará para implantar um exitoso conjunto habitacional em solo-cimento construído em mutirão. Na primeira vez, conheci a Casa Marcelo Grassmann (um típico chalé alemão, onde o artista nasceu) e o Theatro Carlos Gomes (de 1888), onde foi o debate que Atalie participou. Infelizmente, tinha mais gente no palco que na plateia, mas foi divertido, pra encerrar a noite fomos a um boteco em Bento Quirino. Na segunda vez, fui com o arquiteto Luiz Antônio Pereira para documentar e levantar as medidas do casarão abandonado onde queriam implantar o museu, tudo foi desenhado a mão com canetas nanquim em papel vegetal.

Dessa terceira vez, fomos recebidos pelo diretor de Cultura da cidade Eduardo Pretel na própria Casa Grassmann, com direito a um maravilhoso bolo com café. Pretel é um gentilíssimo ator de teatro e professor que nos presenteou com um livro sobre Grassmann e nos levou pessoalmente ao teatro (o prédio está bem conservado, mas seu entorno poderia ser recuperado) e ao Morro do Cruzeiro, onde se tem uma vista panorâmica da cidade, das montanhas ao redor e das matas que a circundam. Pela região, a “Trilha do Dioguinho” (famoso bandido de outras eras) é uma boa pedida para quem gosta de juntar bicicleta e natureza. A Casa Grassmann, no entanto, precisa de restauro urgente e de uma atualização do projeto museológico, que Pretel está correndo atrás.

Em Bento Quirino, a mesma situação, a bela estação ferroviária precisa de cuidados, até porque abriga um museu ferroviário que está fechado. A vegetação do antigo horto florestal estadual ainda resiste no local, onde também foi implantado um novo parque ecológico. Pretel ainda nos levou ao “Museu Histórico Simonense Alaur da Mata” que está em ótimo estado, mantido pela Fundação Cultural Simonense. Na visita, conhecemos o bom trabalho em pintura do artista Toninho Gonçalves que estava em exposição. Gratificante saber que a ideia e o projeto do museu que ajudamos a elaborar, semente plantada nos anos 80 está viva e atuante.

Na região central, ainda se pode ver a estação ferroviária da Mogiana, que está bem conservada, mas a má solução arquitetônica encontrada para colocar a rodoviária no prédio

principal prejudica sua visibilidade. Os antigos trilhos deram lugar a uma avenida, a ferrovia agora passa em local próximo, o traçado retificado criou uma linha divisória entre cidade e morro. Diariamente, é possível ouvir o gostoso barulho do trem passando pela cidade, infelizmente só transportando cargas. A volta foi tranquila, poucos km da Rodovia Conde Francisco Matarazzo Jr. separam a cidade da via Anhanguera, no rumo de casa. Até uma próxima viagem pelo interior do Brasil.

Mauro Ferreira é arquiteto